Linguística Aplicada, Complexidade e Transdisciplinaridade: tecendo redes de sentido e articulando saberes

*Maximina M. Freire**

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir, teoricamente, possíveis conexões entre Linguística Aplicada, Complexidade, Transdisciplinaridade. Para atingir esse propósito, essas áreas são exploradas conceitualmente e ligações potenciais entre elas são tecidas, articulando-as transversalmente para transcendê-las, em alguma medida. O artigo se inicia com um panorama histórico e a conceituação da Linguística Aplicada, seguida da definição de Complexidade e Transdisciplinaridade. Finalizando-o, é feito um confronto entre as áreas, destacando seus vínculos e suas rupturas, evidenciando complementaridade e distanciamento entre elas e os saberes mais tipicamente associados a cada uma.

Palavras-chave: Complexidade. Transdisciplinaridade. Linguística Aplicada. Redes de sentido. (Re-)Ligação de saberes.

Applied Linguistics, Complexity, and Transdisciplinarity: Weaving networks of meaning and articulating knowledge

Abstract

This article aims at theoretically discussing possible connections among Applied Linguistics, Complexity, and Transdisciplinarity. To reach this

* Doutora em Educação pelo Ontario Institute For Studies In Education University Of Toronto, OISE, Canadá, Professora da PUC-SP/LAEL e líder do GPcAHFC/CNPq. mmfreire@uol.com.br

purpose, such areas are conceptually exposed and potential connections among them are interwoven by transversally articulating them in order to transcend them somehow. The article starts with a historical overview and a conceptualization of Applied Linguistics, followed by the definition of Complexity and Transdisciplinarity. To conclude it, a confrontation among the areas is provided, links and ruptures are highlighted, similarities and differences as well as knowledge more typically related to each one of them are presented.

Key words: Complexity. Transdisciplinarity. Applied Linguistics. Meaning Networks. (Re-)connecting knowledge.

Lingüística aplicada, Complejidad y Transdisciplinariedad: Tejiendo redes de significados y articulando conocimientos

Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir, teóricamente, las posibles conexiones entre Lingüística Aplicada, Complejidad y Transdisciplinariedad. Para lograr este propósito, estas áreas se exploran conceptualmente y se tejen vínculos potenciales entre ellas, articulándolas transversalmente para trascenderlas, hasta cierto punto. El artículo comienza con una descripción histórica y la conceptualización de la Lingüística Aplicada, seguida de la definición de Complejidad y Transdisciplinariedad. Finalmente, existe una confrontación entre las áreas, destacando sus vínculos y sus rupturas, mostrando complementariedad y distancia entre ellas y el conocimiento más típicamente asociado con cada una.

Palabras clave: Complejidad. Transdisciplinariedad. Lingüística Aplicada. Redes sensoriales. (Re-) Conexión de conocimiento.

Três conceitos no horizonte

Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade são usualmente compreendidas como áreas conceituais em alguma medida familiares, pois têm se constituído em objeto de estudo e discussão tanto no âmbito da Linguagem como na esfera da Educação, respectivamente. A Epistemologia da Complexidade, no entanto, não tem compartilhado de aderência e importância similares, representando, ainda, certa novidade para muitos linguistas aplicados e educadores, bem como para vários pesquisadores de outras áreas.

Considerando essas três áreas e suas características de familiaridade e ineditismo que simultânea e ambigualmente compartilham, este artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão e discussão teórica, procurando, primeiramente, conceituá-las, nos seus traços distintivos para, então, destacar zonas de coincidências e intersecção que possam justificar uma aproximação e a tessitura de uma rede de sentidos e significados que reifique a emergência de ligação/religação entre seus saberes. Tendo esse propósito, o artigo se inicia por um panorama histórico e conceituação de Linguística Aplicada, passando à definição de Complexidade e de Transdisciplinaridade. Finalizando-o, as três áreas são postas em confronto e são apresentados seus vínculos e rupturas, caracterizando a emergência de uma tessitura que, simultaneamente, evidencia complementaridade e distanciamento entre elas e os saberes mais tipicamente associados a cada uma.

Linguística Aplicada: da subordinação à *indisciplina*

O interesse mais remoto por uma área, posteriormente denominada Linguística Aplicada, ocorreu por volta da metade do século passado, com o desenvolvimento de materiais para o ensino de línguas durante a Segunda Guerra Mundial. Esse começo foi de tal modo determinante em sua constituição como área de conhecimento e atuação no ensino-aprendizagem de línguas que, marcada por tal insígnia, tem preservado até hoje, essa faceta de sua identidade. Moita Lopes (2010, p.11), ao expor sua origem, explica:

Uma área que começa nos anos 1940, com o interesse por desenvolver materiais para o ensino de línguas durante a Segunda Guerra Mundial, vai ter uma Associação Internacional (a AILA) constituída em 1964, quando ocorre o primeiro evento internacional de LA¹. Já o primeiro Congresso Internacional de Linguística foi realizado em 1928 (De George e De George, 1928, p.29), o que, se por um lado demonstra a precocidade da Linguística, por outro, mostra como a LA é um campo de investigação relativamente novo.

¹ LA é a abreviatura correspondente à Linguística Aplicada (*nota da autora*).

O breve resumo do autor sinaliza que duas concepções epistemológicas, embora interligadas, marcam o entendimento inicial do que é Linguística Aplicada: a primeira, “talvez a mais antiga das interpretações, [...] particularmente encontrada na tradição britânica” (CELANI, 1992, p.17), expõe uma Linguística Aplicada como sinônimo de ensino-aprendizagem de línguas, sobretudo de línguas estrangeiras. A segunda, associada à primeira, revela uma Linguística Aplicada como aplicação da Linguística pois essa, ao dedicar-se à descrição e estudo da linguagem, também contribui com quem se interessa pelo ensino de idiomas. O entendimento da área permanece calcado predominantemente nessas bases por aproximadamente trinta anos.

No final dos anos 1970, Widdowson (1979) apresenta considerações inéditas que se tornam fundamentais, pois alteram o conceito sobre a área. Em seu trabalho, o autor questiona o aspecto aplicacionista que identifica a Linguística Aplicada, opõe-se à limitação dela a contextos educacionais e enfatiza a carência de uma teoria própria pois, até então, era tida como consumidora e não como produtora de teorias. O autor ressalta que a Linguística Aplicada deveria ser área de mediação, contemplando conhecimentos necessários e pertinentes para a investigação do processo de ensino de línguas, mas transcendendo os formulados pela Linguística. Dessa forma, Widdowson propõe uma articulação com outras áreas do conhecimentos, sugerindo uma postura interdisciplinar para a Linguística Aplicada. Essa nova concepção epistemológica indica, na interpretação de Moita Lopes (2010, pp.15-17), a “primeira virada” histórica da área, marcando a passagem “da aplicação da Linguística” para a “Linguística Aplicada”.

A “segunda virada” (MOITA LOPES, 2010, p.17-19) acontece quando a pesquisa em Linguística Aplicada deixa de se restringir ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (notadamente a língua inglesa) e tradução e passa a escrutinar contextos de ensino-aprendizagem de língua materna (focalizando sobretudo questões de letramento), e outros contextos institucionais (empresas, clíni-

cas, consultórios, hotéis, delegacias etc.). Nesse percurso, notável a partir dos anos 1990, Vygotsky e Bahkthin fornecem os fundamentos teóricos para o entendimento da linguagem como instrumento de construção do conhecimento e como prática social, ou seja, “a linguagem situada na práxis humana” (MOITA LOPES, 1996, p.3).

Todo o caminho epistemológico até então percorrido possibilita que o conceito da área evolua por um caminho mais crítico, motivando Moita Lopes (2006, 2010) a nomeá-la “Linguística Aplicada INdisciplinar” e, outros pesquisadores, “Linguística Aplicada antidisciplinar ou transgressiva” (PENNYCOOK, 2006), ou “Linguística Aplicada da desaprendizagem” (FABRÍCIO, 2006). Trata-se de uma concepção profundamente alinhada ao mundo e às questões nele presentes, que nos afetam na e pela linguagem, elemento crítico nas práticas sociais que vivenciamos e de que participamos. Moita Lopes (2010, p.19-20), contrariamente ao realizado anteriormente, não classifica esse momento decisivo como uma nova *virada da Linguística Aplicada*; contudo, explica sua escolha pela denominação que propõe, argumentando:

Ela é indisciplinar tanto no sentido de que reconhece a necessidade de não se constituir como disciplina, mas como área mestiça e nômade, e principalmente porque deseja ousar pensar de forma diferente, para além de paradigmas consagrados, que se mostram inúteis e que precisam ser desaprendidos (FABRÍCIO, 2006) para compreender o mundo atual. Ou, como diz Stuart Hall (1996) em relação à teorização pós-colonial: um modo de pensar que tem como objetivo atravessar/violar ou tentar “pensar nos limites” ou “para além dos limites”. Uma LA que, talvez, seja mais bem entendida como transdisciplinar, no sentido de que deseja atravessar as fronteiras disciplinares, continuamente se transformando.

Essa LA que entendo como “um modo de criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central” (MOITA LOPES, 2006, p.14), perde o caráter solucionista que acompanhou a LA por muitos anos (LA como uma área que tentava solucionar problemas) [...] (*grifos do autor*).

A terminologia usada por Moita Lopes, Pennycook e Fabrício (*INdisciplinar, antidisciplina, transgressora, mestiça, nômade, de desaprendizagem*), e logo adotada por linguistas aplicados brasileiros para caracterizar a área, ressalta a evolução crítica de seu conceito e sua identidade na contemporaneidade. Embora ainda contemple o ensino-aprendizagem de línguas, a Linguística Aplicada não se restringe a ele; tampouco serve de locus para a aplicação da Linguística. Ao longo dos seus oitenta e poucos anos de existência, veio se estabelecendo como área do conhecimento que, ao contrário de tantas outras, não busca demarcar suas fronteiras rigidamente, pois as entende fluidas, mutantes, moventes – tal qual a linguagem, seu objeto de estudo: sistema aberto, em constante evolução e mudança. Por pesquisar e interpretar a linguagem, a Linguística Aplicada se faz presente, de alguma forma, em todas as áreas, assim como todas as áreas nela estão, uma vez que lançam mão da linguagem de diversos modos, tendo intencionalidades diversas e causando múltiplos efeitos, ligando/religando saberes particulares, singulares para gerar novos saberes, múltiplos, plurais. Se a Linguística Aplicada pode fornecer instrumentos para a compreensão de aspectos de outras áreas, essas também podem fazer reciprocamente o mesmo, criando uma complementaridade ou, por vezes, um diálogo de opostos que, se investigados, pode esclarecer aspectos intrigantes, trazendo luzes a mais de uma área.

Assim, a Linguística Aplicada se revela e se identifica interdisciplinar, às vezes; outras vezes, transdisciplinar; contudo, *indisciplinar* e ambígua, nos termos propostos por Moita Lopes (2006, 2010). Mostra-se, também, mestiça e nômade, transcendendo paradigmas consolidados e fechados que precisam ser desaprendidos; criando uma rede, uma teia de saberes e revelando um modo de criar inteligibilidade sobre problemas sociais nos quais a linguagem (sistema aberto), articulada a vários outros saberes (sistemas igualmente abertos), exerce papel essencial.

Complexidade: do reducionismo à ligação/reli-gação de saberes

Na seção anterior, ao traçar um panorama histórico e conceitual da Linguística Aplicada, ficam evidentes as dificuldades encontradas, na fase inicial, em classificá-la como uma disciplina singular, com território fixo e claramente demarcado, fragmentando, dessa forma, todo o corpo de conhecimentos que ela contempla e poderia abarcar. Essa tentativa de enquadramento ilustra uma postura reducionista que, durante muito tempo caracterizou – e talvez ainda caracterize – parte do cenário científico contemporâneo. Morin (2013, pp.183-184) manifesta-se contundente ao se posicionar contrariamente à segmentação do conhecimento pois, esse procedimento gera “ignorâncias globais” que afetam o pensamento, conduzindo a “ações mutilantes” que se ajustam a limitações:

- do *reducionismo* -> reduzindo o conhecimento das unidades complexas aos elementos separadamente simples que as constituem;
- do *binarismo* -> provocando uma decomposição em parcialmente verdadeiro, ou parcialmente falso, ou simultaneamente verdadeiro e falso;
- da *causalidade linear* -> ignorando os circuitos retroativos para situar-se na linearidade certo-errado; e
- do *maniqueísmo* -> não vislumbrando além da oposição entre o bem e o mal.

Referindo-se a esse elenco de limitações, Morin (2013, p.184) pondera que não é apenas imperativa, mas também urgente, a realização de uma reforma do conhecimento que, naturalmente, demande uma reforma do pensamento de “caráter epistemológico e reflexivo”. Admitindo essa caracterização, Moraes (2019, p.31) enfatiza que mudanças do pensamento e das instituições não ocorrem sem profundas transformações de várias naturezas, notadamente de caráter paradigmático, implicando repercussões ontológicas, epistemológicas e metodológicas. Tal argumento se embasa em Morin (2000, p.36) para quem a reforma pretendida é paradigmática

– não, programática –, pois se relaciona à aptidão para organizar o conhecimento, implicando a substituição do paradigma da *disjunção* e *redução* (i.e., paradigma newtoniano-cartesiano), por um paradigma – ou melhor denominando, uma *epistemologia*² – que considere *conhecer por distinção e conexões*.

Morin interpreta como ilusão afirmar que chegamos à sociedade do conhecimento uma vez que, de fato, vivemos na sociedade dos saberes disjuntos, desconectados de tal forma que não conseguimos interligá-los para apreender os problemas fundamentais e globais de nossa vida pessoal e da nossa coletividade. O autor também observa que é preciso banir a ilusão de que os saberes (incluindo o científico) dispõem de plena racionalidade. Aprofundando a argumentação sobre a fragmentação dos conhecimentos, o autor (MORIN, 2013,p.185) afirma:

(...) as cegueiras resultantes de conhecimentos parcelares e dispersos, específicos de uma visão unidimensional de todas as coisas, emparelham-se com as miragens da sociedade do conhecimento e as do pleno emprego da racionalidade.

Se, pela incapacidade de perceber a realidade em sua complexidade e sua globalização, nossa mente permanece dominada por um modo de conhecer mutilado e abstrato, se o pensamento filosófico desvia-se do mundo em vez de enfrentá-lo para compreendê-lo, paradoxalmente, então, nossa inteligência nos cega.

As considerações do autor enfatizam que a segmentação do pensamento e uma concepção unilateral da realidade acarretam uma cegueira que conduz a ações mutilantes e à ignorância global. Esse parece ser um *círculo vicioso* pois, quanto mais se exercita o reducionismo e a simplificação, menos se é capaz de perceber a realidade em suas especificidades e multidimensionalidade, e menos se está apto a um enfrentamento das contradições lógicas que, para Morin (2013, p.187) são:

² Opto pela nomeação *epistemologia* por entendê-la mais aberta e abrangente do que *paradigma* que implicaria o emprego de normas mais restritas, de um padrão a ser seguido.

- a ordem também implica a desordem;
- a ciência esclarece, mas também cega;
- a civilização contém, ao mesmo tempo, a barbárie;
- a razão pura é desrazão, pois razão e paixão precisam uma da outra; e
- o uno comporta a multiplicidade, que lhe é inerente.

Tais contradições revelam que a realidade, em uma perspectiva complexa, não pode ser vista sob o foco de uma lente única ou sob o âmbito da binaridade: não se trata de questão *alternativa* (i.e., ordem ou desordem), mas de lógica *aditiva* (i.e., ordem e desordem). A relevância da multidimensionalidade parece residir na potencial somatória autoeco-organizadora do contexto ecológico, do olhar, da atenção, dos saberes prévios e de uma gama de fatores que repercutem na construção do conhecimento. Assim é que Morin (2013, p.187) afirma que, para evitar a cegueira da inteligência, o conhecimento precisa ser contextualizado, globalizado, multidimensional; ou seja, o saber precisa “ser complexo”, tecido junto e consciente do enfrentamento de contradições lógicas, das polaridades, dos opostos que se complementam, das relações sistêmicas, das conexões hologramáticas e recursivas entre as partes e o todo³. Em uma tentativa de esclarecer o que é complexidade, Moraes (2015, p.44) parafraseia Morin, resumindo:

(...) podemos dizer que a complexidade significa, para Edgar Morin (1990), essa tessitura comum que coloca como inseparavelmente associados o indivíduo e o contexto, a ordem e a desordem, o sujeito e o objeto, o professor e o aluno e todos os demais tecidos que regem os acontecimentos, as ações e as interações organizacionais que tecem a trama da vida. Para Morin (1990, p. 20), “complexo significa aquilo que é tecido em conjunto” (*grifo da autora*).

Complexidade é, então, “o pano de fundo que rege os acontecimentos, as ações, as interações e as retroações ocorrentes nos

³ Refiro-me aos operadores da Complexidade que, embora não detalhados neste artigo, devem ser agora mencionados para explicitar o argumento apresentado.

fenômenos” (MORAES, 2015, p.46). Não se trata de mais um conceito a complicar nossa vida, mas de uma possibilidade de entendê-la como sistêmica, imprevisível, incerta e em constante construção. Embasada no pensar complexo, pode-se atinar, juntamente com Moraes (2015, pp.45-46), que

(...) a chave da complexidade está em compreender a união da simplificação com a complexificação, em perceber a dialógica e a recursividade existentes entre a análise e síntese, sujeito e objeto, indivíduo e contexto, educador e educando, reveladores da tessitura complexa dos sistemas e seus respectivos processos envolvidos, isso porque sabemos que todo fenômeno complexo é constituído por um conjunto de objetos inter-relacionados, por interações lineares e não lineares.

Os esclarecimentos fornecidos até aqui revelam que a complexidade não é – e não pode ser entendida como – uma filosofia de vida, um saber exclusivamente teórico, uma modalidade de auto-ajuda, ou algo que se situe externamente ao homem, à natureza, à realidade. Em alguma medida, seu conceito parece transcender a noção de paradigma educacional e de epistemologia. Freire (2013, p. 177), expondo sua compreensão, assume complexidade como “um modo de pensar, de ser e estar no mundo, de encarar a vida e de lidar com as situações cotidianas”. Por ser uma maneira de perceber a realidade e nela se posicionar, a complexidade está em todo o lugar, por toda a parte; o indivíduo – assim como constitui e é constituído pela linguagem (sistema aberto e complexo) – constitui a complexidade e é por ela constituído *em* e *apesar de* sua incompletude, contradições, incertezas, ambiguidades, imprevisibilidades. A um só tempo, é corpo, mente e espírito; ser físico, biológico, social, cultural, psíquico e espiritual, tendo essas dimensões associadas em sua corporeidade, influenciando-o mutuamente e estando reciprocamente presentes em toda atividade humana (MORAES, 2015, p.45).

Compreendendo o conceito de complexidade e sua magnitude, é possível ressaltar a relevância das ligações/relições entre saberes, no sentido de construir conhecimentos ecologizados, não

segmentados, multidimensionais que, por se revelarem complexos, são tecidos juntos, manifestando uma identidade que também se assume transdisciplinar.

Transdisciplinaridade: *entre, através e além das disciplinas*

Nas seções precedentes, o termo *transdisciplinaridade* é apenas referenciado, sem que um conceito tenha sido esboçado. Nicolescu (2000), em sua obra, desenvolve essa noção, definindo-a como *aquilo que transcende as disciplinas: que está entre, através e além das disciplinas*. Essa afirmação, que se torna uma explicação consensual, ressalta que a transdisciplinaridade é um princípio epistemológico que implica uma “atitude de abertura” (MORAES, 2008, p.119) para a vivência de uma lógica inédita, que acarreta uma visão mais aprimorada da realidade, rompendo fronteiras de saberes disciplinares. Ao tratá-la como princípio epistemológico, Nicolescu (2000) explicita que sua realização depende das relações entre seus três pilares: *complexidade* (exposta na seção anterior), *níveis de realidade* e *lógica do terceiro incluído*.

Antes de abordar os pilares mencionados, Nicolescu (2012, p.15) esclarece o uso do termo Realidade:

Por “realidade”, nós queremos, em primeiro lugar, designar o que resiste às nossas experiências, representações, descrições, imagens, ou mesmo, formulações matemáticas. Isso acentua a visão relacional que a “realidade” pode ter. Até agora, como a realidade participa do estar no mundo, tem-se que atribuir uma dimensão ontológica a esse conceito. Realidade não é meramente uma construção social, o consenso de uma coletividade ou algum acordo intersubjetivo. Ela também possui uma dimensão trans-subjetiva: por exemplo, dados experimentais podem arruinar a mais bonita teoria. O significado que damos à palavra “Realidade” é, portanto, pragmático e ontológico, ao mesmo tempo. Por isso, eu grafarei essa palavra com letra maiúscula. Para evitar outras ambiguidades, temos que distinguir as palavras “Real” e “Realidade”. Real designa aquilo que é, enquanto Realidade está ligada à resistência em nossa experiência humana. O “Real” é, por definição, velado para sempre (ele não tolera qualquer qualificação adicional), enquanto “Realidade” é acessível ao conhecimento. O Real envolve não-resistência, enquanto a Realidade envolve resistência (*grifos do autor*).

A partir dessa elucidação, o autor apresenta três axiomas que fundamentam a transdisciplinaridade e a noção de nível de realidade, que corresponde ao seu conceito-chave (NICOLESCU, 1982):

- i) *axioma ontológico*: Há diferentes níveis de Realidade do Objeto e, de forma correspondente, diferentes níveis de Realidade do Sujeito.
- ii) *axioma lógico*: A passagem de um nível de Realidade para outro é garantida pela lógica do meio incluído.
- iii) *axioma epistemológico*: A estrutura da totalidade dos níveis de Realidade aparece, em nosso conhecimento da natureza, da sociedade e de nós mesmos, como uma estrutura complexa: cada nível é o que é porque todos os níveis existem ao mesmo tempo.

Nível de Realidade deve ser entendido como um conjunto de sistemas, invariante sob a ação de certas transformações (NICOLESCU, 1999) e correspondente a um tipo de percepção por parte do Sujeito. A passagem de um nível a outro ocorre a partir da ruptura de alguma lei, mediante o terceiro incluído, pois ele estabelece esses diferentes níveis, rompendo com a dualidade *A* ou *Não-A* e indicando que entre eles há um terceiro elemento que deve ser considerado, *incluído*, portanto. Cada nível é caracterizado por incompletude, ou seja, as leis que governam um nível são apenas uma parte da totalidade das leis que governam todos os níveis. E mesmo a totalidade das leis não esgota a totalidade da Realidade, pois é preciso sempre considerar a interação do Sujeito com o Objeto. Dessa forma, o conhecimento é, sempre, aberto.

A consideração dos níveis de Realidade torna-se relevante porque eles indicam uma estrutura multidimensional e multirreferencial da Realidade. Segundo Nicolescu (2008), ambas as noções de Real e de níveis de Realidade se relacionam ao que é considerado *natural* e *social* e, portanto, é aplicável ao estudo da natureza da sociedade.

Para melhor compreender a transdisciplinaridade, é preciso também esclarecer as noções de sujeito e objeto transdisciplinar. Para isso, lançamos mão de uma representação gráfica apresentada por Scherre (2015, p.272), com base em Moraes (2008, p.124):

Figura 1: Níveis de Realidade, Níveis de Percepção,
Fluxo de Consciência e Fluxo de Informações

A figura 1 ilustra a dualidade *A* e *Não-A*, ressaltando que, entre esses elementos, existe *T*, o terceiro incluído, que permite a mudança de nível de realidade. Esses níveis podem ser sucessivamente alterados em função do fluxo do informações que atua em uma zona de interação, de não-resistência, distinguindo o *objeto transdisciplinar*. Como a cada nível de realidade corresponde um nível de percepção, movimento similar acontece, num processo de correspondência biunívoca, motivado, agora, pelo fluxo da consciência que atua na mesma zona de interação, de não-resistência, caracterizando o *sujeito transdisciplinar*. A figura também sugere a existência de uma lógica ternária que associa *sujeito*, *objeto* e *interação*, que difere radicalmente da divisão binária (sujeito, objeto) que define a metafísica moderna, com a qual transdisciplinaridade estabelece uma ruptura significativa (NICOLESCU, 2002, p. 56).

O cerne da transdisciplinaridade está, para Nicolescu (2010⁴), na relação entre sujeito e objeto: um sujeito dotado de diferentes níveis de percepção, o qual explora um objeto do conhecimento, formado de diferentes níveis de realidade ou de materialidade; ou seja, um sujeito multidimensional, que busca, pela interação, conhecer uma realidade também multidimensional. As relações que se estabelecem entre eles são complexas: imbricadas, interdependentes, tecidas junto, mutáveis, indeterminadas, caracterizadoras de uma realidade dinâmica, mutável, indeterminada, interdependente em sua dinâmica operacional e, por sua vez, constituída por níveis de materialidade distintos. Essas relações também são mediadas pela linguagem que, como vimos anteriormente, tem características sistêmico-complexas, estudadas por uma certa área do saber – Linguística Aplicada – que apresenta natureza transdisciplinar. Dessa forma, Linguística Aplicada, Complexidade e Transdisciplinaridade parecem transitar em um território epistemológico comum, como destacado a seguir.

Tecendo redes de sentido e articulando saberes

A seção final deste artigo tem como propósito estabelecer um confronto teórico entre os aspectos aqui discutidos, evidenciando a emergência de uma tessitura de saberes que, simultaneamente, ressalta complementaridade e distanciamento, bem como saberes mais tipicamente associados a cada um. A decorrência de uma primeira confrontação sinaliza uma convergência para o *conhecimento*, indicando que Linguística Aplicada, Complexidade e Transdisciplinaridade concorrem para um território comum, embora se relacionem com o saber de forma diferenciada: a Linguística Aplicada, expandindo as fronteiras que limites disciplinares possam impor, prioriza conhecimentos relativos à linguagem e à inteligibilidade de problemas sociais em que esta exerce papel central; a Complexidade, transcendendo a noção de paradigma, corresponde a uma epistemologia do conhecimento que articula saberes e prioriza conexões, evidenciando seus

⁴ Palestra proferida em San José da Costa Rica, em fevereiro de 2010.

traços sistêmicos, dialógicos, recursivos e hologramáticos; enquanto a Transdisciplinaridade desconstrói a possibilidade de conhecimento unidimensional, realçando sujeito, objeto e interação, perpassando disciplinas para situar-se *entre, através e além* delas.

Se o *conhecimento*, simultaneamente, vincula e distingue Linguística Aplicada, Complexidade e Transdisciplinaridade, papel similar exerce a *linguagem*, na medida que esta se constitui em um sistema aberto complexo, objeto de estudo e pesquisa para a Linguística Aplicada, tornando-se importante instrumento mediador na investigação em Complexidade e Transdisciplinaridade, colocando em evidência seus traços sistêmicos, multidimensionais e multimodais.

A Linguística Aplicada, ao reconhecer-se nômade, mestiça, transgressora, ousada ao infringir fronteiras teóricas consagradas, rebelde ao buscar articulações disciplinares, insubordina-se contra a imposição paradigmática, limitadora e limitante, revelando uma postura que mais a aproxima das duas áreas aqui em confronto, permitindo caracterizá-la como *complexa e transdisciplinar*. Ao voltar-se à área educacional, Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade parecem ser mais parceiras entre si, embora meio distantes, ainda, na prática e na práxis de realizações que, efetivamente, as articulem à Complexidade. Contudo, cada vez mais, ambientações que as articulem têm surgido e se mostrado eficientes, sinalizando que ainda são necessários mais estudos que investiguem as áreas aqui em foco e que aprofundem suas interconexões.

Refletindo sobre toda a argumentação apresentada para, temporariamente concluí-la, torna-se relevante destacar a ação e função, simultaneamente articulada e articuladora, do *conhecimento* e da *linguagem*, tanto para as áreas em foco nesta discussão como para outras aqui não abordadas. Da tessitura entre conhecimento e linguagem, potencialmente podem emergir contextos complexos transdisciplinares propícios para manifestações de práticas sociais mediadas pela linguagem, nas quais conhecimentos sejam construídos, desconstruídos e, continuamente, reconstruídos. *Conhecimento* e *linguagem* exercem, assim, o papel de fios condutores que alinhavam as áreas aqui

confrontadas, tecendo teias de sentido e articulando saberes que caracterizam, simultaneamente, sua aproximação e distanciamento.

Referências

CELANI, M.A.A. Afinal o que é Linguística Aplicada? In: Paschoal, M.S.Z., Celani, M.A.A. (orgs.), **Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC. 1992.

DE GEORGE, R.; DE GEORGE, F. **The Structuralists: From Marx to Lévi-Strauss**. New York: anchor Book. 1972.

FABRÍCIO, B.F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: Moita Lopes, L.P. (org.), **Por um Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola. 2006.

FREIRE, M.M. Complex Educational Design: A Course Design Model Based on Complexity. **Campus-Wide Information System**, vol.30, no.3, p.174-185. 2013.

HALL, S. Who needs 'identity'? In: Hall, S.; Gay, P. (eds.). **Questions of Cultural Identity**. Londres: Sage. 1996.

MOITA LOPES, L.P. (org.). **Por um Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola. 2006.

MOITA LOPES, L.P. **Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada INdisciplinar**. Disponível em: www.ufscdeutsch2010.files.wordpress.com/2010/10/nps156.pdf. Acesso em: fev/2020. 2010.

MORAES, M.C. **Saberes para uma Cidadania Planetária. Homenagem a Edgar Morin**. Rio de Janeiro: Wak Editora. 2019.

MORAES, M.C. **Transdisciplinaridade, Criatividade e Educação: Fundamentos Ontológicos e epistemológicos**. Colaboração de Juan Miguel Batallosa Navas. Campinas, SP: Papirus. 2015.

MORAES, M. C. **Ecologia dos Saberes: Complexidade, Transdisciplinaridade e Educação – Novos Fundamentos para Iluminar Novas Práticas Educacionais**. São Paulo: AntaKaran/WHH – Willis Harman House. 2008.

MORIN, E. **A Via para o Futuro da Humanidade**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Maria Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2013.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez. 2000.

MORIN, E. **O Paradigma Perdido: A Natureza Humana**. Sintra: Europa-América.

NICOLESCU, B. Transdisciplinarity: The Hidden Third, Between the Subject and the Object. **Human and Social Studies**, vol. 1, no.2, p. 13-28. 2012.

NICOLESCU, B. (ed.). **Transdisciplinarity – Theory and Practice**. Cresskill, New Jersey: Hampton Press. 2008.

NICOLESCU, B. Fundamentos metodológicos para o estudo transcultural e transreligioso. In: Coll, C. et al., **Educação e Transdisciplinaridade II**. São Paulo: Triom. 2002.

NICOLESCU, B. Um Novo Tipo de Conhecimento: Transdisciplinaridade. In: Sommerman, A.; Mello, M.F.; Barros, V.M. (orgs.), **Educação e Transdisciplinaridade**. Brasília: Unesco. 2000.

NICOLESCU, B. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom. 1999.

NICOLESCU, B. **“Sociologie et mécanique quantique II”**. 3e. Millénaire. 1 (March-April). 1982.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: Moita Lopes, L.P. (org.), **Por um Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola. 2006.

WIDDOWSON, H.G. The Partiality and Relevance of Linguistic Description. **Explorations in Applied Linguistics**. Oxford: OUP. 1979.